

Da selva emergem filmes: mergulhando na competição do LEFFest

Vasco Câmara

Um voo panorâmico pelo concurso internacional da 15.ª edição do Lisbon & Sintra Film Festival, que decorre até dia 21

Não é identificável como “filme francês”, como representante do “cinema europeu” há muito que está “desaparecido em combate” e como cinema *tout court* é mesmo uma estirpe dada como extinta. Mas não é um filme sem território. É um filme formado pela aventura, e a aventura é o país que declara as suas próprias regras, acreditando obstinadamente nelas.

É, por isso, ideal começar este voo subjectivo pela competição da 15.ª edição do LEFFest – Lisbon & Sintra Film Festival por *Onoda, 10.000 Nuits dans la Jungle*, de Arthur Harari, actor, argumentista e realizador parisiense, 40 anos. Porque no lugar da personagem principal, um oficial do Exército imperial japonês que durante três décadas permaneceu na selva da ilha de Lubang, nas Filipinas, acreditando que a Segunda Guerra Mundial continuava, no lugar dessa crença, pode estar o espectador de cinema. Se necessário for, à margem da História para fazer vingar a história. Acreditando, sem saber como, mas acreditando, no que os seus olhos vêem: o mais inusitado, surpreendente e clássico dos filmes deste tempo. Sem qualquer indício de *pastiche*, é isso que faz o mistério da experiência. Aponte: sábado, às 19h45, no Nímas, em Lisboa; segunda-feira, às 11h, no Centro Olga Cadaval, em Sintra.

Na edição de amanhã do Ípsilon, Arthur Harari dá conta da rotação e da sua interacção com um *cast* de actores japoneses, não falando ele japonês, e dos seus anos de formação, com Herman Melville, Joseph Conrad e o resto da biblioteca do pai, e depois com John Ford ou Raoul Walsh. E John Boorman, o Boorman de *Deliverance* e de *Hell in the Pacific*...

É verídica a história de Iroo Onoda (1922-2014), oficial do Exército imperial, enviado a Lubang em 1944. A sua missão: fazer tudo, com os seus homens, para dificultar os ataques inimigos à ilha. Obrigatório: que se mantivesse vivo. Proibido: que se rendesse. Uma promessa: haveriam de o resgatar, custasse o que custasse.

A maioria das tropas japonesas morreu, entretanto, ou foi capturada pelas forças americanas. Onoda e os seus homens esconderam-se na selva. O grupo foi-se extinguindo ao longo dos anos. Onoda acabou sozinho nas



Onoda, 10.000 Nuits dans la Jungle, de Arthur Harari, parte do caso real de um soldado japonês que não deu pelo fim da Segunda Guerra Mundial; em baixo, La Caja, de Lorenzo Vigas

montanhas. Durante 29 anos não acreditou que a guerra acabara e que o imperador se rendera. Reconheceu-o, finalmente, em 1974. Quando o Governo japonês localizou o oficial comandante que lhe dera as ordens em 1944 e que, então, 29 anos depois, cumpriu finalmente a promessa de o resgatar, custasse o que custasse... Iroo Onoda apareceu então, saído da selva...

Aparições...

Aparece também nesta competição Hatzín Navarrete, de 13 anos, sentimentos e pensamentos insondáveis

por causa de uns olhos amendoados. Faz a sua iniciação ao cinema em *La Caja*, de Lorenzo Vigas (dia 17, às 17h45, no Nímas; dia 18, às 10h, no Centro Olga Cadaval) com uma personagem que se inicia à violência. É inesquecível, Hatzín, é uma dessas criaturas...

Parte da Cidade do México em direcção à paisagem silenciosamente majestosa do Norte do país, e silenciosamente letal também, para recuperar os restos mortais do pai encontrados numa vala comum. Mas encontra Mario. E Hatzín (tem o mesmo nome a personagem) crê, obstinadamente (como o soldado japonês...), ter afinal encontrado o pai. Ele está vivo, acredita, não está na caixa, nas ossadas.

Lembram-se de *Desde Allá*, anterior filme do cineasta venezuelano que era a sua primeira longa-metragem e

que venceu o Leão de Ouro de Veneza em 2015? Havia nele o embate entre um cinquentão homossexual (Alfredo Castro) e um adolescente das ruas de Caracas (Luis Silva, que era realmente um rapaz das ruas de Caracas). Em *La Caja* trata-se do embate entre o solitário Hatzín e o actor Hernán Mendoza, intérprete de Mario. Mas há uma modulação e uma intensidade diferentes nesse encontro; mantendo-se tudo bastante perturbante: depois da fisicalidade explosiva de Luis Silva, o insondável Hatzín torna mais interior e sinuosa a aprendizagem da violência.

Link não forçado com a infância e a adolescência: *Brother's Keeper*, também segunda obra, do turco Ferit Karahan (dia 16, às 15h, no Centro Olga Cadaval; dia 19, às 21h30, no Nímas). O cenário muda (um internato nas montanhas nevadas da Anatólia) e é decisivo o cenário para tudo o que se passa no filme. Isto é: se o *plot* puxa pela corrida contra o tempo, a de como salvar um miúdo que adoeceu e acordou incapaz de se mexer, tudo no filme, das personagens dos professores e directores à paisagem, à neve, tende para a imobilidade.

Brother's Keeper é um daqueles filmes que conta, antes de mais, a história de um *décor* claustrofóbico. Saiba-se mais dele: um internato da Anatólia, onde professores turcos dão aulas a estudantes curdos...

... e reconhecimentos

Com *Red Rocket*, de Sean Baker, o realizador de *The Florida Project*, conti-

nua o seu olhar sobre uma realidade marginal à América oficial, mas fazendo coabitar, quando não mesmo sobrepor, o realismo *dirty* e a fantasia. Simon Rex, com uma presença plena de energia e candura, é um actor do porno que regressa de Los Angeles à terra natal, no Texas, onde ninguém o quer de volta. O filme (dia 16, às 11h, no Centro Olga Cadaval; dia 18, às 18h30, no Tivoli) faz corpo com ele, nas metamorfoses de rudeza e de inocência, nas evoluções cromáticas, o que é fazer corpo com um património do cinema americano, aquele que teve o seu auge de realidade e de evasão nos gloriosos anos 30.

Ainda o cinema como território: Jonás Carpignano e a região da Calábria. Nascido em Nova Iorque, filho de pai italiano e de mãe de Barbados, sobrinho-neto de Luciano Emmer (o realizador de títulos gloriosos do período mais farto da indústria italiana, *Domenica d'Agosto* ou *Le Ragazze di Piazza Spagna*), vivendo entre Nova Iorque e Itália, italiano para os americanos, americano para os italianos, pele negra para os brancos, demasiado claro para os negros, Jonas adopta personagens em busca da sua identidade. Como antes em *A Ciambra* (2017), também agora *A Chiara*: uma adolescente descobre que o pai é membro da 'Ndrangheta, a máfia calabresa.

Tal com em *A Ciambra*, que se estreou em salas portuguesas, *A Chiara* termina sem enclausurar a personagem na ficção, a investigação dela continua, o filme é que se detém. E, tal como antes, o filme é mais sedutor e indomável antes de a “história” chegar para atribuir sentido a tudo: quando a energia está toda com as personagens, quando elas ainda são os seus próprios segredos, quando o mundo guarda só para si as suas regras.

Finalmente, o que se pode dizer sobre o documentário (será um documentário?) *A Night of Knowing Nothing*, da indiana Payal Kapadia (domingo, às 11h, no Centro Olga Cadaval; dia 19, às 15h, no Nímas), veículo para uma troca epistolar entre dois amantes separados por obstáculos sociais que se transforma depois em manifesto político usando o cinema como possibilidade de revolução? Godard e Eisenstein estão ali, evidentemente, Ritwik Ghatak também – cinema, História, território. A ambição romântica quer ser fundadora e o horizonte de fracasso tem a medida dessa candura. O filme embala-se nos seus propósitos. Ainda assim, é mais intrigante, labiríntico e aventuroso do que a simples soma das suas ingenuidades.